



PROCESSOS (TRANS)FORMATIVOS NA PÓS GRADUAÇÃO: MOVIMENTOS, IMAGENS E CONTRACOLONIALIDADE

Eugenia da Costa Tilman
Universidade Federal de São João Del-Rei
geniatilman@gmail.com

Geovana Larissa Amâncio da Cruz
Universidade Federal de São João Del-Rei
geovanaamancio356@gmail.com

Selma Cristina Trindade Vieira
Universidade Federal de São João Del-Rei
selmatri@gmail.com

Resumo

O estudo propõe uma cartografia aberta por meio da reflexão sensível e crítica sobre os processos formativos na pós-graduação em Educação, sendo as imagens do documentário *Os Catadores e Eu (2000)*, de Agnès Varda, dispositivos sensíveis da (trans)formação do devir-pesquisador, reivindicando a pesquisa como prática viva, ética e estética. Em diálogo com autores como Mignolo, Kastrup, Walsh e Lapoujade, buscamos tensionar a linearidade e a rigidez da academia, propondo o gesto de catar como método para acolher restos, afetos, imagens e fragmentos que escapam aos padrões hegemônicos de conhecimento. A pós-graduação, entendida como campo de forças e não apenas como currículo, torna-se um espaço de deslocamento, desaceleração e invenção de outras formas de pesquisar e existir. Ao invés de acumular saberes e obedecer cronogramas, defendemos uma formação em que o tempo é suspenso, o olhar é sensível e a escuta é implicada.

Palavras Chave: Cartografia; Pesquisa em Educação; Processos Formativos; Cinema.



LINHAS QUE SE FAZEM: O INÍCIO DE UM CAMINHO (TRANS)FORMATIVO



Os processos formativos na pós-graduação se desenham como trajetos rizomáticos, sem linhas retas ou destinos prévios, como um campo de forças e encontros que nos atravessam e nos afetam. Não se trata de seguir um caminho único, mas de cartografar as intensidades, a cada dobra do percurso, somos atravessadas por dúvidas, afetações, desconfortos e lampejos de criação que nos deslocam do que pensávamos ser ou saber, compondo um devir-pesquisadoras sempre inacabado. Em nossas andanças como alunas da pós-graduação em Educação, avistamos um encontro reunindo reflexão e produção de imagens como disparadores sensíveis da pesquisa.

Nas aulas da disciplina optativa Tópicos Especiais em Educação, Filosofia e Imagem, nos deparamos com diversos materiais que provocaram nossos modos de atuar. Fomos imersas no estudo de textos, filmes, imagens e caminhadas, destacamos aqui um encontro. Avistamos a cineasta francesa Agnès Varda, ela emprega uma abordagem que mistura o documentário com elementos de ensaio pessoal. Sua produção estética, marcada pelo experimentalismo e pelo engajamento com as margens sociais, exemplifica o cinema enquanto prática da diferença, em diálogo estreito com a filosofia deleuziana da diferença e do devir.

Buscamos aqui traçar um mapa em movimento com Agnès Varda em sua obra *Os Catadores e Eu* (2000) como pano de frente, acompanhando os rastros e afetações múltiplas que a obra nos dispara, tensionando e potencializando reflexões acerca do processo formativo



na pós-graduação. Tal como os sujeitos do filme, catamos. Aqui, neste trajeto de assistir e de compor linhas de diálogo com o documentário, catamos experiências que abrem brechas no cotidiano e ocorrem sem que se haja controle sobre o que se constrói, conversas furtivas e chamados retumbantes, e textos que nos afetam e nos movem em direção a um devir-pesquisador e devir-estudante em transformação. Pensamos, então, em possibilidades de formação de pesquisadores que recusem as hierarquias colonialistas epistemológicas de se fazer ou ensinar.

O CAMINHO DOS RASTROS, RESTOS E REVERBERAÇÕES

*“Raspas e restos
Me interessam
Pequenas porções de ilusão
Mentiras sinceras me interessam
Me interessam, me interessam
Eu tô pedindo A tua mão
Me leve para qualquer lado”*

Cazuza, na música Maior Abandonado

Mignolo (2003) nos alerta: a universidade é um aterro controlado onde saberes não-europeus são sistematicamente descartados. Mas seguindo Varda – que filma um homem ensinando filosofia com livros encontrados no lixo – perguntamos: como virar catadores da própria experiência acadêmica? Como catar os saberes outros que fogem da hegemonia européia, configurando-se como os restos?

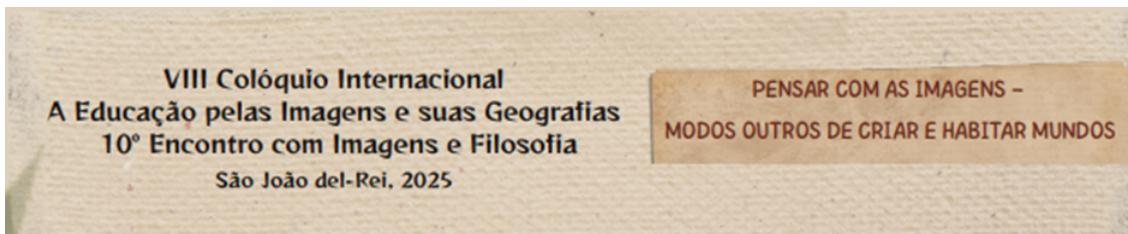
Figuras 2, 3 e 4 - Professor catador



fotogramas do filme

Fonte:

O professor do documentário, era um catador. Não somente porque se alimentava de alimentos descartados pelos mercados que recolhia, mas porque via nas ocorrências menores a potência de criação e formação coletiva. Trata-se de um professor mestre, que vendia jornais



no metrô e passava suas noites como voluntário alfabetizando imigrantes na língua francesa e ensinando-os filosofia com livros descartados. O que pode este professor? O que ele nos diz sobre a educação? O que nos diz sobre a academia?

Esse gesto de catar implica parar, olhar e coletar aquilo que não se encaixa nos inventários oficiais, transformando a pesquisa em um processo formativo em si mesmo. Ao invés de mapear para ordenar ou para anexar saberes ao arquivo acadêmico, a cartografia, como propõe Passos, Kastrup e Escóssia (2015), pode operar como contra-inventário. Assim, neste percurso, escolhemos nos deixar afetar pelas errâncias cartográficas como forma de mapear nosso caminho, não como quem segue um manual, mas como quem anda junto, experimenta, testa, erra e refaz.

Deleuze e Guattari (1995) nos falam de coisas como rizoma, devir e agenciamento, e fomos pegando esses fios para pensar nossos processos de formação na pós-graduação. Rizomamos quando saímos do caminho esperado e deixamos outras conexões acontecerem, sem hierarquia ou ordem fixa, abrindo espaço para encontros inesperados tecendo os padrões no grande bordado de vida. Entendemos que as imagens e os movimentos que surgem no nosso cotidiano de pesquisa apresentam-se como dispositivos formativos, capazes de deslocar nossas certezas e abrir novas perguntas sobre o que significa aprender e ensinar na pós-graduação.

Em nosso devir-pesquisador, lembramos que a formação não é algo pronto, mas um processo em constante movimento que vai se fazendo e se transformando com as experiências, encontros e afetos. Esse devir é o que permite que a pesquisa não seja só seguir regras, mas criar outras maneiras de existir, sentir e pensar, conectadas ao que realmente importa para quem pesquisa e para quem vive o processo (Kastrup, 2007).

Este texto se move como um mapa aberto, ou melhor: como a câmera errante de Agnès Varda em *Os Catadores e Eu* (2000), que persegue batatas descartadas, espelhos quebrados e corpos invisibilizados pela lógica do descarte. Assim como o filme encontra outras figurações no modo de se deslocar que subvertem a lógica dos afazeres esperados das pessoas nas cidades e no campo, ousamos um movimento similar. Na pós-graduação em educação encontra-se nosso território a ser cartografado: um espaço onde saberes hegemônicos produzem zonas de sombra (Mbembe, 2018), e disciplinas optativas, metodologias não reconhecidas e corpos que



resistem à formatação acadêmica tradicional são postos à luz da utilidade, configurando-se como restos a serem por nós catados como potência de reflexão e criação.

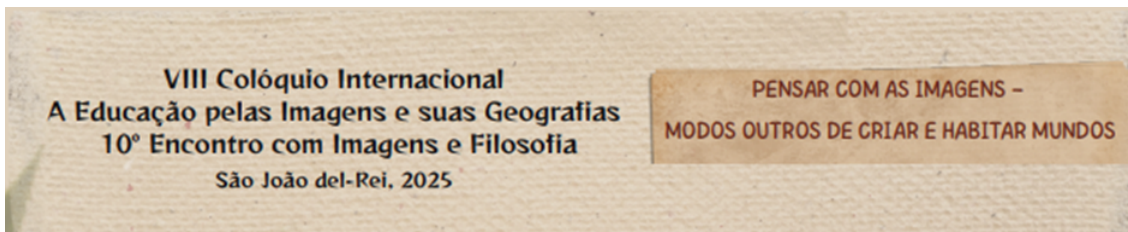
Se Varda recolhe objetos para lhes dar novos significados, propomos uma prática cartográfica de catação epistêmica, onde os "restos" são pistas: fragmentos de textos, fotogramas de filmes e rascunhos de escritas. O "lixo" é matéria-prima: as metodologias não-canônicas são nossas batatas em forma de coração – rejeitadas pelo sistema, mas potentes em sua deformidade. As pesquisadoras são corpo-território: assim como Varda filma suas mãos envelhecidas entre as batatas catadas, assumimos a pesquisa como ato encarnado (hooks, 2017), onde raça, gênero e classe riscam o papel acadêmico.

Figuras 5 e 6 - Batatas descartadas resgatadas por Agnes



Fonte: fotogramas do filme

Nesse caminhar, em companhia de Antonio Bispo dos Santos (2023), a contracolonialidade apareceu como necessidade. Não é só falar de colonialismo como algo do passado, mas perceber como ele ainda se repete nas formas de ensinar, pesquisar e organizar a vida acadêmica. As imagens e os movimentos nos ajudam a perceber esses deslocamentos. Uma foto, um registro, um olhar para algo simples do dia a dia podem abrir brechas e nos fazer perguntar: Que "imagens" (simbólicas ou literais) a pós-graduação produz, e como ressignificá-las contra-hegemonicamente? Por que fazemos assim? Para quem fazemos? O que fica de fora quando seguimos apenas o que está nos manuais? O que se pode quando dialogamos com uma obra de uma cineasta francesa para acusar a hegemonia colonial dos saberes?



Inspiradas em Lapoujade (2017), fomos colando pensamentos e ações, tentando documentar e refletir sobre aquilo que realmente nos toca na pesquisa, e que muitas vezes passa despercebido na correria acadêmica. Esse processo nos permitiu perceber a formação como um espaço de invenção, de criação de outros modos de aprender e ensinar, com mais presença e conexão com a vida.

Esta cartografia que ousamos traçar não é um caminho pronto, mas uma colagem-experimentação que se refaz a cada encontro, a cada leitura, a cada pergunta que aparece no caminho. Propomos, assim, um percurso vivo e em constante movimento, onde formação e pesquisa se reinventam juntas, conectadas ao que somos, ao que sentimos e ao que desejamos transformar.

O CAMINHO DOS TEMPOS SEM PONTEIROS

“O tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro.”

Machado de Assis, no livro Esauí e Jacó

Na pós-graduação, o tempo costuma ser cronológico, linear e urgente. É o tempo com ponteiros: sempre apontando para frente, sempre exigindo algo. É no tempo suspenso, no ritmo que desacelera, que os processos verdadeiramente (trans)formativos começam a se revelar. No compasso dos afetos, no gesto de escutar o que tremia nas imagens, nas pausas dos corpos exaustos, começamos a perceber que formar-se pesquisador não é apenas cumprir um percurso curricular, mas atravessar um campo de forças, de tensões, de deslocamentos, e deixar-se transformar por ele.



Figuras 7 e 8 - Relógio sem ponteiros de Varda



Fonte: Fotogramas do filme

O relógio sem ponteiros encontrado por Agnès Varda simboliza esse tempo outro. um tempo que não orienta nem exige, mas que convida à presença. Um tempo que não mede, mas acolhe. Um tempo da escuta, do errar, do sentir, do desviar, e por isso, profundamente formativo. São nessas rachaduras temporais, nesses não-tempos da pós-graduação, que a formação se torna viva (Kastrup, 2007; Walsh, 2009).

As imagens, quando nos olhavam de volta, começaram a rasgar a superfície do que entendíamos como pesquisar. Elas tremiam em nossas mãos e nos deslocavam, como se nos desafiasse a olhar além do que os olhos queriam ver. E foi nesse tremor que a colonialidade velada se revelou também nos nossos modos de fazer pesquisa, no silêncio dos corpos que se enrijecem para caber em bancas, na pressa que recusa pausas, no texto acadêmico que afasta o corpo, o riso, o choro, o erro. Na busca de dados que recusa o encontro e o acaso do que não dá para se controlar e medir. No contato com os sujeitos de pesquisa de quem construímos a partir, mas não construímos juntos.

Catamos essas frestas, como os catadores de Varda, compondo com o que aparecia e nos atravessava, imagens, conversas, silêncios, sensações de desconforto ao perceber o quanto de epistemologias científicas tradicionais habita nossos referenciais, nossos modos de falar e escrever, nossos conceitos que não escutam os territórios em que pisamos. Foi nesse catar que a contracolonialidade não apareceu como tema, mas como prática de parar, de se deixar afetar, de escutar outras vozes, de tensionar os modos de pesquisar que nos atravessam. A escolha de Varda em se concentrar nesses personagens revela a postura contracolonial. Ao dar voz aos



catadores ela desafia a narrativa dominante que frequentemente ignora ou estigmatiza aqueles que não se encaixam nos padrões sociais estabelecidos.

Com Kastrup (2007), fomos percebendo que pesquisar é também inventar modos de existir, é um movimento que se faz no entre, na dobra, naquilo que não se explica, mas se sente. Na pós-graduação, aprendemos a correr, a medir o tempo e a acumular, mas, como o relógio sem ponteiros encontrado por Varda, fomos parando. Parando para colecionar rastros, afetos e fragmentos que escapavam ao compasso rígido da produtividade, entendendo que ali, onde o tempo parecia suspenso, poderia pulsar um outro modo de formar-se. Um modo que fosse contracolonial não apenas no discurso, mas também no corpo, no olhar, na escrita e na escuta. É nesse tempo sem ponteiros, onde não há urgência para consumir, mas espaço para estar e sentir, que nos deparamos com o inesperado, confrontamos o desconhecido e expandimos os horizontes da própria compreensão.

Káster e Tóffoli (2018) nos dizem que a desestabilização é primordial para a subjetividade. Assim, fomos desenhando um mapa em movimento, onde questionar a colonialidade na pós-graduação é desorganizar os territórios rígidos da formação, abrindo espaço para escutar o sensível, para acolher as imagens que tremem, para compor com a vida que insiste em vazar, fazendo da formação um campo de experimentação e não de repetição. Por isso, mapear os tempos sem ponteiros é abrir espaço para uma cartografia afetiva e contracolonial da formação, que reconhece o tempo não como um dado externo, mas como uma experiência sensível que atravessa e transforma. Um tempo que, ao invés de medir o caminho, permite vivê-lo.

O CAMINHO DO ACASO EM ENCONTRO À PESQUISA

*“O acaso vai me proteger Enquanto eu andar
distráido
O acaso vai me proteger Enquanto eu andar”*

Titãs, na música Epitáfio

Um conceito central para compreendermos as errâncias do pesquisado que emergem para além dos currículos rígidos em seu processo formativo na pós-graduação, além das

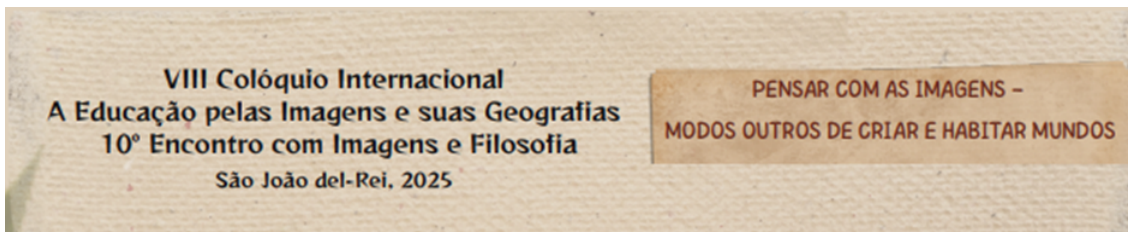


ocorrências da vida comum e coletiva e tudo aquilo que escorre de nossos dedos e que a ânsia do controle não consegue alcançar, é o acaso. O acaso entendido não como mero acontecimento fortuito ou distração rumo à produtividade, mas como operador potente de encontros, deslocamentos e invenções de si. Concebemos o acaso como um elemento rizomático que desencadeia fluxos imprevisíveis e gera possibilidades imprevisíveis de conhecimento e subjetivação. O acaso, nesse contexto, age como um princípio contracolonial, desestabilizando a linearidade, a previsibilidade e o controle que a academia frequentemente impõe aos processos formativos. Pensamos, então, no acaso-encontro.

Inspiradas em Varda, compreendemos o acaso-encontro como fio condutor de nossa pesquisa e formação pesquisadora, criando frestas por onde vazam outros modos de existir e aprender na pós-graduação. Assim como Varda caminha por ruas, campos e praias, nós caminhamos por campos outros, feitos de conversas em sala, silêncios durante as leituras, tremores no corpo ao escrever e imagens que nos atravessam, sem sabermos de antemão o que vamos encontrar. Os encontros inesperados, os ruídos, os erros e os desvios tornam-se parte constitutiva da pesquisa e, mais que isso, partem a lógica colonial do saber que exige clareza, previsibilidade e autoridade unilateral.

Na obra de Varda, os acaso-encontros não são resíduos a serem descartados, mas matéria viva, que conecta histórias e produz narrativas insurgentes. Cada acaso-encontro é uma possibilidade de redescoberta, onde o que parecia resto revela valor, e o que parecia falha se mostra abertura para o novo. Esse gesto de Varda, ao filmar nas margens, desafia o olhar colonial que determina o que merece ou não ser visto, estudado e cuidado. Varda ao se incluir no filme, e mostrar sua própria interação com os catadores, busca romper com a objetividade tradicional do documentário, demonstrando uma pesquisadora que se envolve no processo.

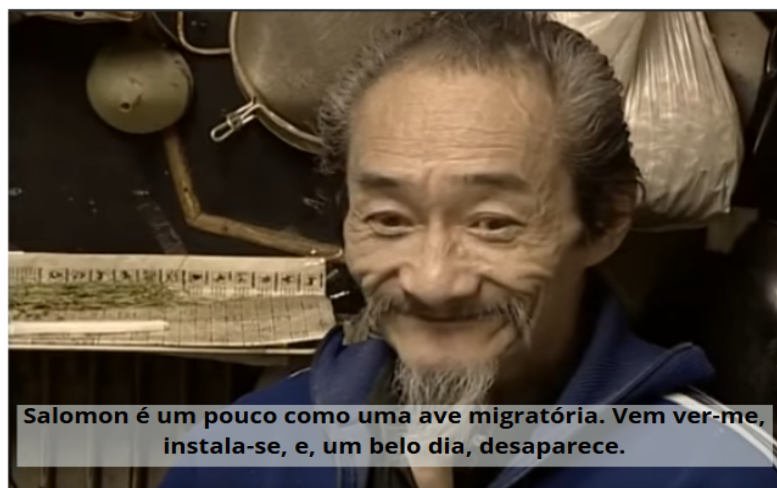
No filme *Os Catadores e Eu* (2000), os acaso-encontros são apresentados como parte de plasticidade que conecta as histórias dos catadores, tanto para os sujeitos do filme, quanto para quem assiste. Através de suas interações, Varda sugere que os significados em movimento podem ser encontrados nas situações mais inesperadas, e que a vida, em sua essência, é uma série de acasos que nos moldam e nos definem.



Voltamos então aos nossos deslocamentos: na pós-graduação, palco de nossa errância, os acaso-encontros emergem quando a metodologia rígida se desfaz, dando lugar ao escutar que não instrumentaliza o outro, mas se deixa afetar por ele (Kastrup, 2007; Walsh, 2009). É no movimento de caminhar junto às imagens, conversas e encontros que o devir-pesquisador se faz como quem acolhe o caos criativo, os rastros, os fragmentos e os afetos, reconhecendo que é também nesses desvios que se inventam outros modos de formar-se e pesquisar, de forma contracolonial e ética (Mignolo, 2018; Mariano, 2024).

Assim como a câmera de Varda recebe novas imagens e gestos sem antecipar o que surgirá, nós aprendemos a reconsiderar o que é valioso na pesquisa. O dado que escapa, o silêncio que pesa, a dúvida que insiste, a memória que pulsa — tudo comunica e compõe o processo de pesquisa como espaço de vida, não apenas de produção de resultados. Nesse tempo sem ponteiros, cada acaso-encontro se torna um convite a inventar um outro existir como pesquisadoras na pós-graduação: um existir em que aprender e ensinar não sejam captura, mas abertura ao que insiste em nascer nas bordas do saber acadêmico. Pensar nosso devir-pesquisador na pós-graduação é muitas vezes imaginar-nos como aves migratórias: que partem, que se distanciam para alcançar saberes em outros territórios, que acumulam jornadas para além dos mares, carregando a expectativa de que, ao retornarmos, sejamos capazes de oferecer algo valioso ao ninho de onde partimos. Um encontro nos surge, com uma das personalidades de *Os Catadores e Eu* (2020), que fala sobre seu amigo catador:

Figura 9 - A ave migratória



Fonte: fotograma do filme



O que acontece quando, em contraste à Salomon e à ciência que se faz a partir de miragens de sujeitos de pesquisa, não migramos? Quando recusamos a lógica do voo que se afasta para colecionar saberes, títulos e dados, e escolhemos ficar?

Se não nos transmutamos em pássaros migratórios, quem somos então? Somos catadoras e catadores de acaso-encontros, construindo um movimento coletivo que nasce das pequenas migrações internas: das ideias que nos deslocam, dos afetos que nos arrastam, das pausas que nos desinstalam. Somos devir-pesquisadoras que permanecem e compõem, que se implicam no território ao invés de apenas analisá-lo, que entendem que a formação na pós-graduação não se faz no acúmulo, mas na travessia compartilhada.

Essa escolha de permanecer não significa recusar o voo, mas aprender a voar junto, em bandos, em círculos, em ritmos que respeitem o tempo do corpo e do encontro, permitindo que cada pesquisa seja um espaço de transformação e não apenas de produção (Kastrup, 2007; Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Voamos, mas não para longe. Voamos ao redor, ao lado, entre, dentro. E cada acaso-encontro, cada partilha, cada silêncio ouvido, cada desconforto sentido, tornam-se as correntes de ar que nos sustentam no voo próximo ao território, construindo outras cartografias de formação, insurgentes e contracoloniais.

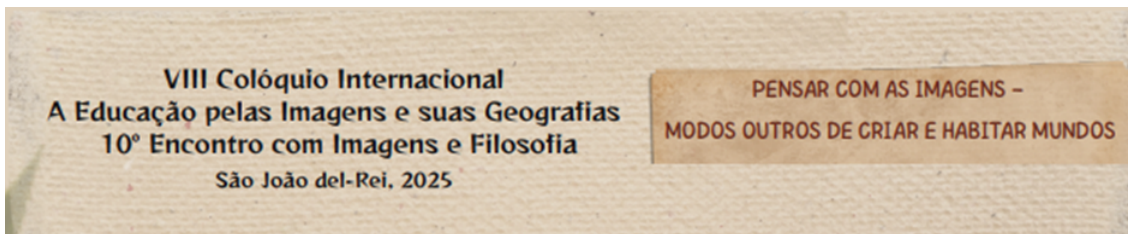
Na pós-graduação, somos convidadas o tempo todo a migrar para epistemologias eurocentradas, a buscar reconhecimento externo, a voar alto em direção ao produtivismo. Mas ao permanecermos, reivindicamos o direito de construir saberes localizados, afetivos, tecidos em coletividade, onde cada pesquisa é também cuidado, reparação e reinvenção de nós mesmas e dos mundos que tocamos. Pensamos em nosso devir-pesquisador como possibilidade de quem recebe as ocorrências de quem fica, como quem permanece e constrói junto.



TERRITÓRIOS DE CHEGADA (QUE TAMBÉM SÃO PARTIDAS)

*“A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar É a vida desse
meu lugar, é a vida”
Milton Nascimento, na música Encontros e Despedidas*

Aqui estabelecemos nosso ninho para retorno. Como trazer a sensibilidade e o movimento para a pesquisa? Como nos deslocar pelas complexidades éticas e estéticas da pesquisa? Que imagens a pós-graduação produz? Como os restos da academia podem ser revalorizados? Vamos catando o que a academia chama de resto: pausas, desvios, conversas, hesitações. Fazemos dessas sobras matéria viva para pesquisa. Fazemos da pesquisa um campo de reinvenção. Permitimos que os encontros acidentais se transformem em vias de sentido, que a incerteza nos oriente, que a vulnerabilidade seja também força.



REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Domínio público. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000070.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CAZUZA; FREJAT, Roberto. **Maior abandonado**. In: BARÃO VERMELHO. **Maior abandonado**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984. 1 disco sonoro. Faixa 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- hooks bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2017.
- KASPER, Kátia Maria; TÓFFOLI, Gabriela de Sousa. **Errâncias: cartografias em trajetos deformativos**. **Leitura: Teoria & Prática**, São Paulo, v.36, n.72, p.85-98, 2018.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n - 1 edições, 2017. Mariano, André Luiz Sena. **Currículos Outros Para a Formação Docente: Discutindo Princípios Decoloniais E Interculturais**. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 29, 2024.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.
- MIGNOLO, Walter D. **El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-46.
- MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2018.
- NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Encontros e despedidas**. In: NASCIMENTO, Milton. **Encontros e despedidas**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1985. 1 disco sonoro. Faixa 1.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- OS CATADORES e eu. Direção: Agnès Varda. **[Les Glaneurs et la Glaneuse]**. França: Ciné-Tamaris, 2000. Documentário, 82 min.



PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TITÃS. Epitáfio. In: TITÃS. A melhor banda de todos os tempos da última semana. São Paulo: Abril Music, 2001. 1 disco sonoro. Faixa 11.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad. Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Abya Yala, 2009.